

— Vejo que o senhor sabe a tal respeito mais de quanto imaginei.

Esta vez, riu alto.

— O senhor sabe exatamente o que conheço, como e por quê. Todavia, sei pouquíssimo. E, sobretudo, não sei o que quer de mim. Por que vem revelar-me certos segredos que soem permanecer calados?

— Se não me engano, já deixei dito que somente me pronunciarei sobre o indispensável. Asseguro-lhe não ter dito uma palavra a mais. Se estou aqui, é claro, há um motivo. O senhor nos serve, é um meio.

— Obrigado.

— Será feliz por sê-lo. Um meio para algo bom. O senhor é um estudioso, é sério, tem crédito no tratar determinados argumentos. Acreditarão em si.

— Em que deverão acreditar? E quem?

— Dentro em pouco o saberá. Todavia, se não devessem crer em si, e será fácil, por certas partes, deverão render-se e crer na verdade que eu lhe porei nas mãos num momento. Entretanto, eu lhe falava do ingresso de Johannes no templo. A cerimônia foi exemplar, o clima perfeito. Consinta que eu nada lhe explique sobre o templo, sobre o ritual.

— Como queira. Mas preferirei saber alguma coisa. Poderei não acreditar.

Meneou a cabeça, sorriu.

— O senhor deve crer em quem silencia, não em quem fala.

— Conheço esta frase. Está escrita em vossos templos.

— Engana-se.

— Posso citar outras, se deseja. Não escrevestes nas paredes do templo algumas palavras tais como *Azoth, Tetragrammaton, 999?*

Não respondeu. Acariciou o pacote de manuscritos.

— Como lhe dizia, não posso explicar coisa alguma sobre o templo e o ritual. Chegarei depressa ao fim da cerimônia, quando Johannes, tendo subido ao . . .

— . . . degrau da escada esquerda, lateralmente ao trono — continuei instintivamente —, tendo à frente a dupla cruz vermelha e negra. Certo?

Ele permaneceu em silêncio. Não sorria mais. Olhava-me como se indeciso sobre continuar ou não. Estava-me estudando. Olhamo-nos. Era eu quem sorria agora.

— Não estou certo — recomeçou, fazendo uma pausa —; sim, estou certo de que nada dirá de mais e sobretudo de que nada escreverá além do estritamente necessário. Posso confiar.

Era como se tivesse falado para si mesmo. Vencera imediatamente a dúvida que eu conseguira inculcar-lhe: temia pelo segredo, pelas coisas que eu já conhecia, pelas outras que teria sabido. Pelo fato de que sou um escritor e poderia dar divulgação a certas coisas. Mas conhecia-me bem, fizera os seus cálculos acertadamente. E sua dúvida suprimiu o resíduo que podia ter. Esse homem era aquilo que dizia, ou que deixava entender, mais profundamente, ser. As coisas que me dissera eram verdadeiras. Os documentos que me havia mostrado e que estava por mostrar-me eram autênticos. Eu não renunciaria às verificações mais cépticas, mas sabia que cada um deles apenas me conduziria a uma confirmação.

— No fim da cerimônia, quando Johannes, tendo assumido o lugar que lhe competia, entre os irmãos, permaneceu à espera, alguém lhe falou. Os irmãos apertaram a corrente em torno dele e sobre ele concentram-se, transmitindo-lhe a sua força. E Johannes,